



# Ensaio foto-etnográfico: possibilidades outras de se fazer ciência (e entender o mundo)<sup>1</sup>

**Curadora:** Carolina Melo<sup>2</sup>

**Autoras/es das imagens:** Amanda Morais (UFF); Ana Elisa Mendoza (PPGS); Ananda da Luz Ferreira (UFSB/UFS); Bruna Tavares Pimentel (UFPB); Darliane Silva do Amaral (UnB); Fernanda Reis (UFGD); Iago Marichi Costa (UFSCar); Joel da Costa Marques; Leticia Ambrosio (UFSCAR); Maiãna Roque da Silva Maia (UFMA); Mariana Luciano Afonso (USP); Marize Moreno de Carvalho (UFJF); Priscila Leonel (UNESP); Rafael Carletti (UFSCar).

**Resumo:** A proposta deste ensaio foto-etnográfico surgiu a partir de conversas entre a(o)s organizadora(e)s do dossiê em questão e da necessidade de utilização de outras linguagens no nosso fazer científico e vida cotidiana. Imagens e fotografias permitem um olhar atento e sensível das complexidades sócio-históricas que somente as palavras não dão conta na nossa análise. Diante disso, recebemos inúmeras fotografias e desenhos de diferentes pesquisadora(e)s em diferentes momentos de suas pesquisas para dialogarmos aqui neste ensaio.

**Palavras-Chave:** Ensaio fotográfico. Ensaio etnográfico. Outras linguagens. Trabalho de campo

**Photo-ethnographic essay: other possibilities for doing science (and understanding the world)**

**Abstract:** The proposal for this photo-ethnographic essay emerged from conversations between the organizers of the dossier in question and the need to use other languages in our scientific work and everyday life. Images and photographs allow a careful and sensitive look at the socio-historical complexities that words alone cannot handle in our analysis. Given this, we received numerous pictures and drawings from different researchers at different times in their research to discuss here in this essay.

**Keywords:** Photo essay. Ethnographic essay. Other languages. Fieldwork.

<sup>1</sup> Agradecemos imensamente pelas conversas realizadas com a doutoranda Marzane Pinto de Souza (PPGS/UFSCar) que nos auxiliou nas escolhas e interpretações das imagens.

<sup>2</sup> Doutoranda em Sociologia pela Universidade Federal de São Carlos (PPGS/UFSCar), bolsista CNPq. São Paulo (SP). ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-4644-3918>. E-mail: [melo.n.carolina@gmail.com](mailto:melo.n.carolina@gmail.com).



## 1. Introdução

Nossa proposta para esse ensaio é evidenciar como imagens, fotografias, ilustrações, entre outros, podem nos abrir para possibilidades de análise e entendimento de nossos sujeitos e objetos de pesquisas. O nosso *fazer científico* é marcado pela predominância da palavra sobre outras formas de linguagens que, em muitas situações, cerceiam nossa criatividade mais que nos abrem para novos caminhos. Além disso, é possível um olhar mais atento e sensível que às vezes se perdem na obrigatoriedade cientificista e racional.

Agradecemos imensamente a toda(o)s que nos enviaram suas imagens. No início desse projeto estávamos receosos, mas recebemos mais de sessenta imagens, não sendo viável acolhermos todas para esta edição. Dito isso, separamos esse ensaio em tópicos nos quais articulamos algumas ideias e interpretações com as imagens escolhidas. Muito do nosso texto foi retirado das próprias legendas disponíveis pela(o)s autora(e)s de modo que fica claro ser mais um texto escrito a muitas mãos, corações e cérebros que somente por quem assina-o.

É importante ressaltar que nosso papel não é julgar qualquer imagem, mas, justamente, evidenciar as possibilidades artísticas para nossas áreas de atuação. Dito isso, vamos às imagens e textos.

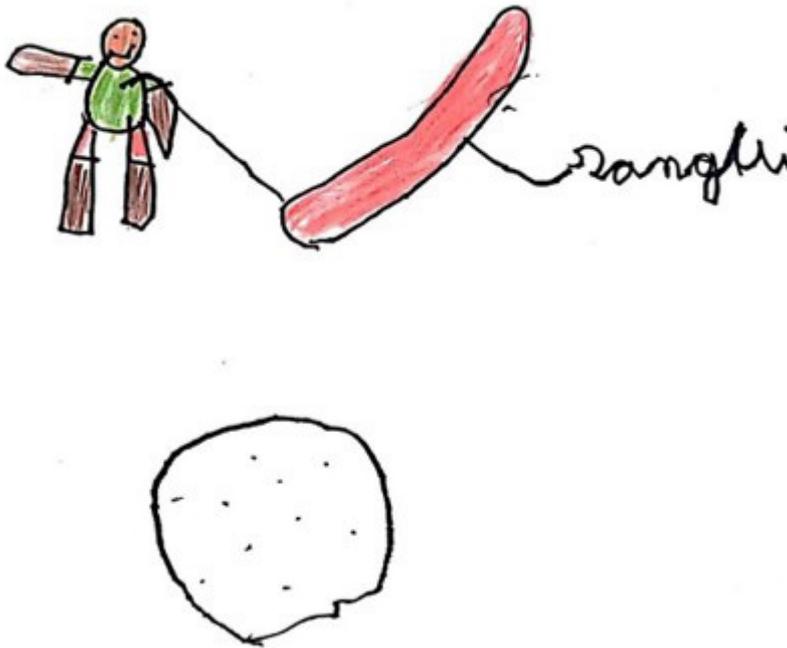
## 2. Ilustrações como possibilidade de narrativa onde o uso da escrita não cabe

Em muitos momentos, nos processos de pesquisa, palavras nos faltam e temos dificuldades de nos expressar. Tais momentos são encarados com certa angústia pois as ciências, de modo geral, se utilizam da escrita para suas análises e argumentações. É através da escrita - ou dos bons usos da linguagem e suas regras enquanto demonstração de uma suposta racionalidade - que nossos trabalhos são legitimados (ou não). Mas *e quando as palavras não cabem?*

Neste tópico serão apresentadas as diferentes formas de uso de desenhos e imagens em pesquisas e as possibilidades que eles nos abrem enquanto metodologia, entendimento de si e demonstração do indizível, respectivamente.



**Figura 1: "Sangue igual banana"**



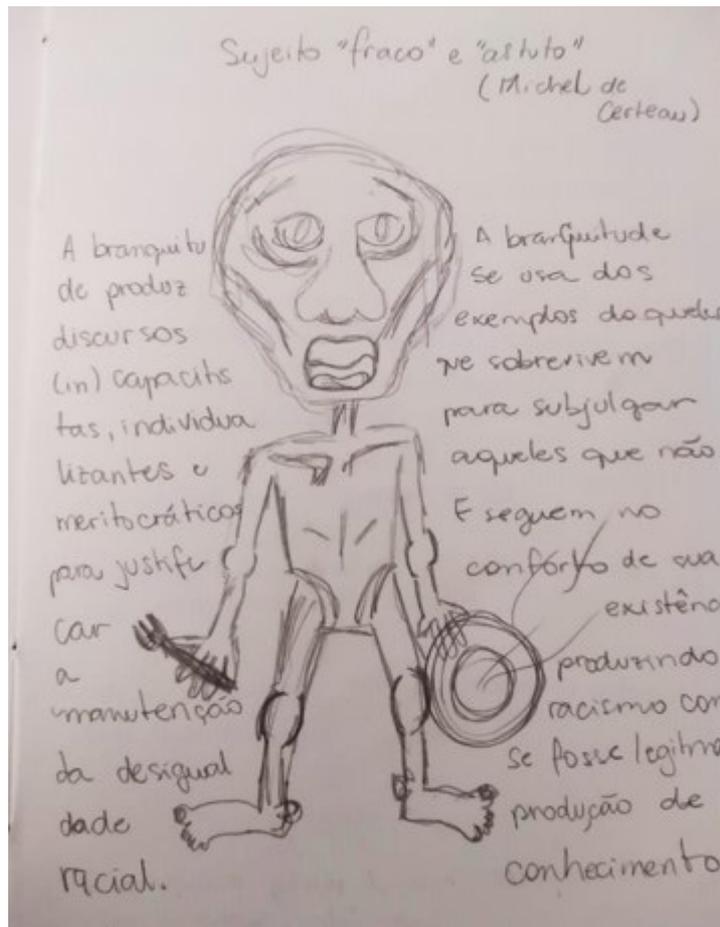
Fonte: Bruna Tavares Pimentel.

Legenda: Ilustração feita por uma criança de 7 anos e utilizada para pesquisa.

A primeira imagem foi produzida por Virgil (nome fictício) durante a pesquisa sobre Anemia Falciforme realizada por Bruna Pimentel em seu mestrado. O irmão de Virgil, dois anos mais velho, explicava que o sangue era em formato da fruta, conforme a médica havia lhe ensinado. Segundo a pesquisadora: "*O desenho é uma forma didática de levar informação sobre o que é a doença para outras crianças, produzido também por uma criança, que vai para além da explicação genética e teórica*".



## Figura 2: Travessamento do mundo acadêmico



Fonte: Leticia Ambrosio.

Legenda: Desenho produzido pela pesquisadora após encontros com pesquisadores de sua área e os incômodos que lhe causavam.

A ilustração foi produzida pela pesquisadora após alguns encontros com outra(o)s pesquisadora(e)s de sua área. A ideia destes encontros eram compartilhar experiências e trajetórias de pesquisa. Todavia, era neles que sua pesquisa – que tange visibilizar o racismo na área de formação – fora desqualificada por, também, causar incômodo na(o)s pesquisadora(o)s branca(o)s. Esse tipo de relato é comum para pesquisadora(e)s negra(o)s e/ou que pesquisem a temática racial. E, ao nosso ver, isso ocorre, pois, tal temática lança luz sobre a própria constituição das ciências e sociedade. Tais situações também podem ser difíceis de nomear ou se expressar por atravessarem a vida e subjetividade da(o) sujeito pesquisador(a) de diferentes formas. Leticia Ambrósio explica que *"a escolha deste desenho se deu porque foi o primeiro registro que fiz em diário de campo que não se constituiu apenas de texto. O desenho, inclusive, precedeu as palavras, as quais eu estava com dificuldade de colocar no papel, mas que saíram após o desenho"*. Dessa maneira, é possível observar a potência de utilização das diversas artes, não só o desenho, para, inclusive, conseguirmos escrever nossa pesquisa e narrar nossas experiências.



**Figura 3: Sutilezas do Sagrado**



Fonte: Joel da Costa Marques.

Legenda: Ilustração a partir da pesquisa no terreiro de Umbanda " Casa da Luz da Manhã- Terreiro Cultural" e as referências a partir da Umbanda encantada de Maria Toinha, mãe de santo da encantaria do sertão do Ceará- Canaã- Trairi.

A última ilustração desta seção representa várias entidades em manifestação no contexto sagrado que agregam rendas e roupas específicas no ritual local da região do Trairi- Ceará. Os segredos, ou seja, o não dito são importantes instrumentos de sobrevivência das religiões de matriz africana desde a colonização. Assim, respeitar tais silêncios significa respeitar e compreender as histórias de tais manifestações. As narrativas pictóricas abrangem as sutilezas dos rituais que não são relatados em pesquisa, por serem fundamentos apenas passados aos iniciados nos ritos das casas em questão.

### **3. Instituição e intervenção**

Fazer parte de instituições, quaisquer que sejam, significa estar sob regras e protocolos necessários para o funcionamento das mesmas. Inúmeras dessas regras estão de acordo mais com as propostas das instituições em si do que em relação com determinados grupos sociais que a frequentam. Diante disso, as imagens a seguir evidenciam as estratégias de intervenções artísticas que podem tensionar ou fazer questionar as próprias instituições.



#### Figura 4: (Não) Presença de trabalhadores e trabalhadoras no museu



Fonte: Marize Moreno de Carvalho.

Legenda: As percepções de trabalhadores e trabalhadoras da limpeza do Museu de Arte Murilo Mendes da UFJF sobre trabalho e museu.

A imagem acima é resultado de atividades realizadas pela pesquisadora Marize Carvalho em conjunto com a(o)s trabalhadora(e)s responsáveis pela limpeza do Museu de Arte Murilo Mendes (UFJF). As atividades os motivavam a realizar performances, desenhos e fotografias. O museu, que para estas pessoas é somente um local de trabalho, passa a ser ressignificado. A imagem expõe a invisibilidade desta(e)s trabalhadora(e)s que, ao mesmo tempo, parecem registrar sua presença com objetos que, à primeira vista, estão fora do lugar, mas que demonstram as identidades, as contradições e as relações de poder de tal lugar.

A arte abaixo faz parte da pesquisa de Fernanda Reis cuja qual analisa como as mulheres experimentam a "loucura" no processo de (des) fazer e refazer-se. Esta loucura que, institucionalmente, etiqueta corpos considerados transgressores da normalidade social é captada pelo olhar sensível da artista Lídia Baía e apresentada pela pesquisadora. Tal imagem expõe as sutilezas das tentativas de domesticação de corpos e comportamentos femininos e, ao mesmo tempo, as possibilidades que as expressões artísticas oferecem como forma de tensionamentos dessas normalizações.



### Figura 5: Arte, loucura e domesticação de corpos femininos

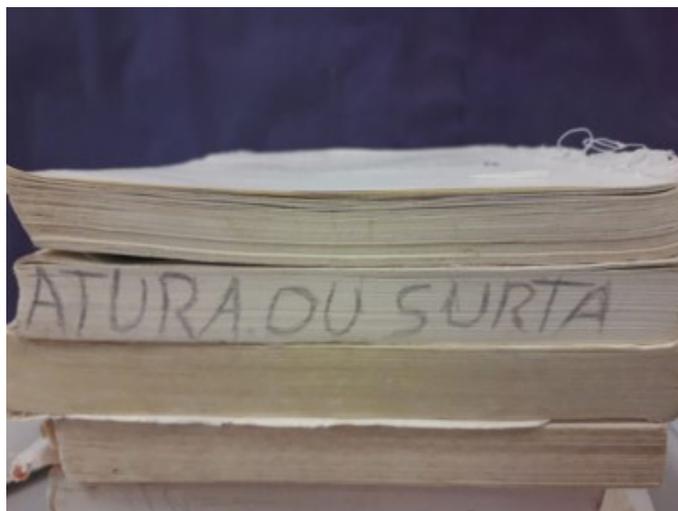


Fonte: Fernanda Reis.

Legenda: arte e loucura atribuída às mulheres na domesticação de corpos e comportamentos.

A frase "Atura ou Surta" foi registrada pela pesquisadora Darliane Amaral em sua pesquisa sobre o Sistema Socioeducativo de Santa Maria/DF. Tal frase representa formas estratégicas que jovens se utilizam para lidar (ou aturar) com situações institucionais, muitas vezes, marcadas por opressão e exclusão. A questão que fica é: *quais são as estratégias de não adoecimento mental desses jovens?*

### Figura 6: Atura ou surta



Fonte: Darliane Silva do Amaral.

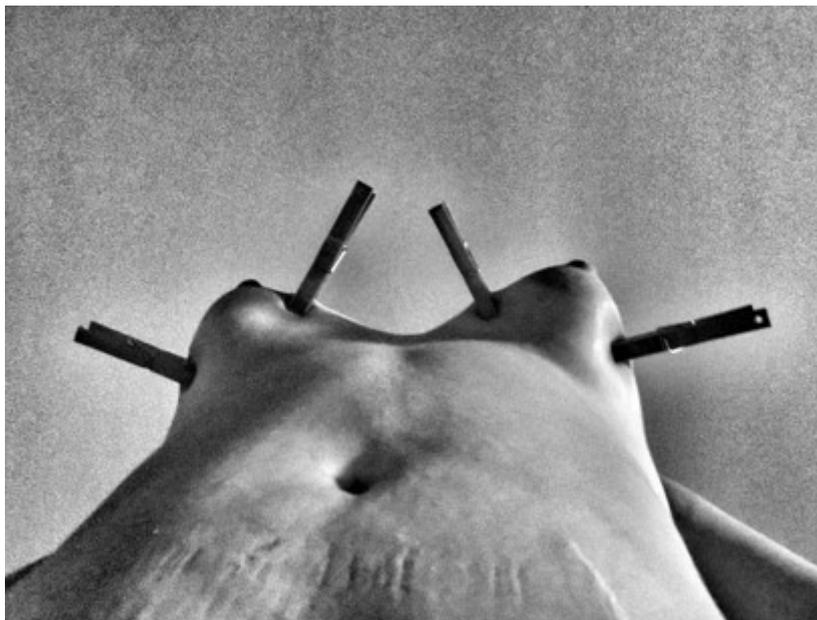
Legenda: Expressão de resistência de jovens na Unidade de Internação de Santa Maria/ DF.



### 3. Corpo político em movimento

Nosso corpo, por muitas vezes, foi tido essencialmente como biológico e ligado às necessidades fisiológicas da espécie humana. O corpo dado era, e ainda é, lido a partir de um cujo qual não precisa pensar em seu corpo, mas sim em sua mente, ou seja, o homem branco. Todavia, inúmeras são as pessoas e movimentações político-culturais – como os movimentos de mulheres, negros, indígenas, LGBTQI+, entre outros – que o utilizam como tensionar as práticas sociais que buscam fixar normalizações sobre ele ao mesmo tempo que cria fixações do que é ou não um corpo normal e, em última instância, do que é ser humano. Nesse sentido, o corpo, está inserido na trama cultural e aqui é entendido enquanto linguagem, ou seja, *representação* que possui significados<sup>3</sup>. Dessa maneira, neste tópico apresentaremos o corpo como movimento (político) e não como algo biologicamente dado.

**Figura 7: Corpo - sujeito incorporado**



Fonte: Amanda Morais.

Legenda: Essa imagem fala de uma relação de pesquisa no próprio corpo da pesquisadora. O corpo, preso com pregadores, traz a percepção de angústia, quando a entendem como ferros passando pelos seus seios.

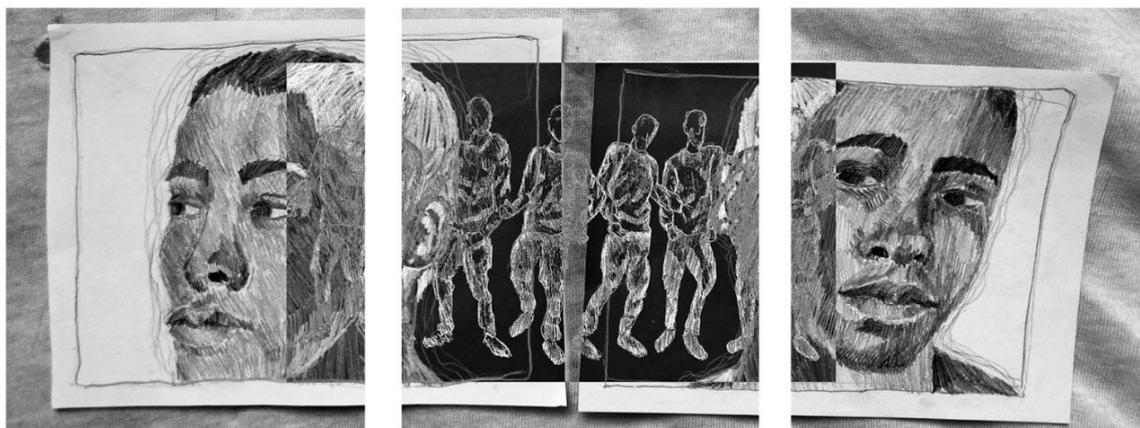
A fotografia acima retrata a relação da pesquisadora com o próprio corpo que, durante sua pesquisa, passa a ser tido como sujeito incorporado e em relação com outros estados viventes. O corpo preso por pregadores traz a sensação de angústia. A fotografia, enquanto ferramenta artística, permite uma maior fluidez de perspectivas e usos, que, nas Ciências Sociais às vezes é

<sup>3</sup> HALL, S; *Cultura e Representação*, 2016.



difícil de encontrar. Assim, ela permite, em nossos trabalhos, a composição de uma cartografia e fazer da obra, o corpo, uma obra-vida.

### Figura 8: Memória arte trans em vida e memória



DEMÉTRIO CAMPOS - CORINGA [PAMKA PAULI]

Fonte: Iago Marichi Costa.

Legenda: A imagem trata de uma composição de croquis realizados durante a etnografia virtual para pesquisa de iniciação científica intitulada "Corpos que {trans}bordam em potência: o agenciamento vivo nas artes trans e travesti". A arte retrata fragmentos da dança de Demétrio Campos no videoclipe Coringa<sup>4</sup> (por PamkaPauli) e atua como lembrete da arte trans em vida, bem como uma memória e homenagem ao dançarino, falecido no dia 17 de maio de 2020.

O trabalho do pesquisador Iago M. Costa, além de tratar sobre o agenciamento nas/das artes trans e travesti, resulta na arte acima. Sua proposta, traz alguns movimentos de dança feito por Demétrio Campos e, também, é uma homenagem ao artista que, infelizmente, faleceu devido à depressão. Conforme afirma Costa, a execução de cortes no registro dos croquis vem como proposta de continuidade entre o pensamento, o ser e sua dança. A arte retoma e encanta a vida e é utilizada como forma de agenciamento criativo pelos que, constantemente, tem suas vidas negligenciadas ou ceifadas. Aos que se mantêm vivos, as diversas artes retomam os que já que foram e são aproveitadas como forma de criar fissuras em uma sociedade que ainda tem dificuldades de aceitar a diferença.

<sup>4</sup> PamkaPauli – Coringa: <https://www.youtube.com/watch?v=msMqKXPoRFs>.



### Figura 9: Festa do Moqueado - rito de passagem



Fonte: Maiâna Roque da Silva Maia.

Legenda: Fotografia feita durante a Festa do Moqueado, o ritual de passagem da menina mulher Guajajara, na Aldeia Mangueira, Terra Indígena Bacurizinho.

A fotografia a cima foi tirada durante o ritual de passagem de menina para a mulher da etnia Guajajara. O momento retrata a preparação da jovem que, após o período de reclusão, é vestida de jenipapo, saia longa, penas e colares produzidas pelas mães e avós e, nesse momento, a moça será apresentada para a aldeia como uma mulher. Tal ritual pode ser lido como os cursos da vida e as mudanças constantes que estamos sujeitada(o)s – e somo sujeitos. A foto é interessante por evidenciar a importância das mais velhas aos nos guiarem a um mundo ainda não vivido, apesar de observado. Além disso, as indumentárias e adornos nos mostram que tais mudanças estão ligadas à própria beleza da vida (e suas ressignificações).

A última imagem deste tópico se insere na pesquisa de doutorado da pesquisadora Mariana Luciano Afonso. Na foto, de 11/07/2015, vemos Regina Hadelaide durante passeata que marcou a 4ª Ação Internacional da MMM em Registro, Vale do Ribeira. As Ações Internacionais da MMM acontecem a cada 5 anos e estão entre as atividades mais importantes do movimento social. A 4ª Ação objetivou reunir cerca de 500 mulheres em pautas como a defesa de seus territórios, titulação de quilombos, resistência às barragens no Rio Ribeira, a resistência mineradora, autonomia de seus corpos, de trabalho e combate à violência contra a mulher. Complementando o importante significado coletivo destas lutas, capta-se na fotografia a expressão de uma dimensão singular, psicossocial, sobre o significado subjetivo desta ação. Na pesquisa, as mulheres



relataram sentimentos de alegria, fortalecimento, autonomia, solidariedade, cuidado mútuo, libertação... como importantes mediações psicológicas da participação política. Acredito que, na fotografia, Regina nos aproxima destas dimensões psicológicas que podem acompanhar lutas coletivas contra a dominação e a exploração de gênero, raça e classe.

**Figura 10: Mariana Luciano Afonso - USP (Programa de Pós-Graduação e Psicologia do Trabalho)**



Fonte: Mariana Luciano Afonso.

Legenda: A foto insere-se no contexto de pesquisa de doutorado em psicologia social (2015 - 2019). Na pesquisa a autora investigou os sentidos e transformações nas vidas das mulheres despertados pela participação na Marcha Mundial das Mulheres.

#### **4. Transformações nos ambientes**

Nesse último tópico temos como proposta dialogar sobre contraditórias mudanças espaciais e sociais, como elas são sobrepostas e se articulam. Das quatro imagens selecionadas, apenas uma demonstra a ação criativa de uma pessoa. As outras três retratam construções que modificam profundamente as geografias representadas ao mesmo tempo que não focam nas pessoas que vivenciam e modificam tais espaços. Pode-se dizer que, em suma, retratam a invisibilização de determinados grupos em diferentes contextos.



## Figura 11: Território e territorialidade na Amazonas



Fonte: Rafael Carletti.

Legenda: Comunidade Santo Antônio e a arquitetura ribeirinha, mostrando a dinâmica do regime de cheia e de vazante do Rio Negro, Amazonas. Dezembro de 2019.

A metáfora de mosaico deste ensaio nos transporta para pontos de conexão entre a dinâmica das águas do Rio Negro que durante a vazante mostra as marcas das águas na arquitetura das casas. Esta paisagem integra o mundo da gente das águas, mundo da gente da floresta e o mundo dos encantados<sup>5</sup> que são reconhecidos como essenciais nos contextos amazônicos, mesmo que pensados ora como maléficos, ora como benfeitores, na verdade, são essenciais nos contextos amazônicos. Nesse sentido, é visível o processo duplo de transformações da natureza feitas pelas pessoas e as mudanças provocadas pela natureza que toda a população global.

<sup>5</sup> Segundo Maués (2005), no catolicismo popular da Amazônia, o caboclo concebe os encantados como seres humanos que não morreram, mas se encantaram, talvez possa se considerar como um mito.



**Figura 12: Roda de conversa com quilombolas do Quilombo do Boqueirão e os/as alunos/as do curso de Licenciatura em Ciências Sociais - UESB**



Fonte: Ananda da Luz Ferreira.

Legenda: Beiradeiros da BR-101, extremo sul da Bahia, vivem em condições adversas e longe das políticas públicas.

Neste ensaio é possível aproximar modos de vida dos diferentes grupos sociais no Brasil. Dos povos das águas na Amazônia para os beiradeiros da Bahia. Segundo a pesquisadora, os beiradeiros são pessoas que vivem à beira da BR-101, no trecho que corta a cidade de Teixeira de Freitas, Extremo Sul da Bahia, e ocupam as faixas de terras que ficam entre a estrada e a beira as fazendas de agropecuária e eucaliptos. Tais pessoas vivem literalmente às margens, em condições de extrema vulnerabilidade social e sem acesso às políticas públicas.

**Figura 13: Território e territorialidades em Roraima**



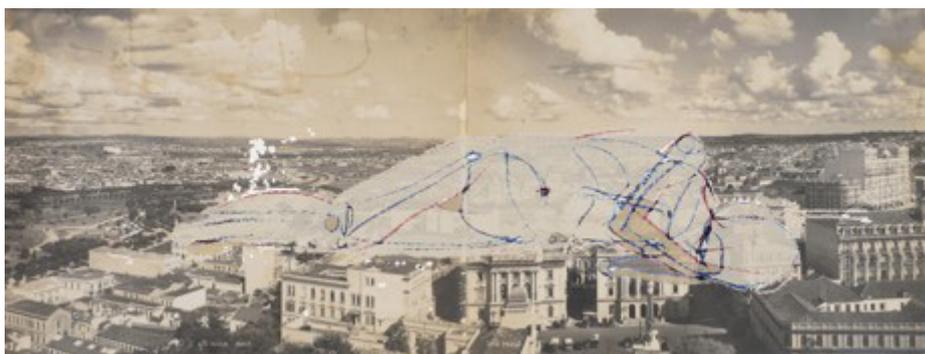
Fonte: Priscila Leonel.

Legenda: Forno construído no I Congresso de Cerâmica da UFRR, em Roraima.



A pesquisadora Priscila Leonel traz para o nosso mosaico de integrações de território e territorialidade através da produção de cerâmica das mulheres da etnia Macuxi, no estado de Roraima. A foto mostra a construção coletiva do forno, que integra saberes e fazeres de estudantes, docentes e das mulheres ceramistas Macuxi. Segundo a pesquisadora, *foi um momento muito importante, no qual mostramos nosso jeito de queimar e elas também mostraram o delas, elas já haviam nos mostrado onde e como buscar o barro na natureza, como um ritual, pedindo permissão a "vovó barro", uma entidade guardião da argila.*

### Figura 14: Território e corpo em São Paulo - 1920



Fonte: Ana Elisa Mendoza.

Legenda: Reflexões sobre a ideia de Corpo-Cidade - Esboço de corpo deitado sobre fotografia do Centro de São Paulo em 1920 (Arquivo Nacional).

Nossa última imagem foi produzida pela pesquisadora Ana Elisa Mendoza sobre uma fotografia do centro de São Paulo do início do século XX. Tal imagem é interessante pois é nesse período que há os processos de urbanização e industrialização da cidade que contou com migrações de diversas regiões do globo. Ao mesmo tempo que isso ocorria, a ilustração e a foto nos trazem uma sensação de calma e quietude que são difíceis de associar à cidade atualmente. Além disso, é nas ruas do centro de São Paulo que milhares de pessoas dormem e tentam viver com as constantes ameaças de violências. Dessa forma, a partir desta imagem é possível traçar relações entre território e corpo, em diálogo com as identidades e processos de lutas para vivenciar territorialidades.

## 5. Em vias de iniciação

Nossa proposta com esse ensaio foi abrir diálogos em torno dos usos das artes como ferramenta e auxílio para os nossos trabalhos e entendimento do mundo. As interpretações feitas aqui são umas de várias possibilidades e, talvez, essa seja a dimensão mais rica das artes: os diversos entendimentos e ressignificações que as pessoas fazem a partir de seus contextos e experiências.



Mesmo assim, ainda encontramos dificuldades em trazê-las para os nossos trabalhos justamente por não caberem nas "caixinhas" fixas que, muitas vezes, as Ciências Sociais impõem a nós e nossas pesquisas. É observável as mudanças que ocorreram e essa edição da *Askésis* demonstra isso, todavia ainda é incipiente. Devido a tal configuração, há um mar de possíveis diálogos, críticas e disputas que podem influenciar e transformar significativamente nos nossos trabalhos.

Por isso, e por fim, quisemos trabalhar de forma menos conceitual possível, mesmo que conceituações estejam por traz das análises, para não nos prendermos às tais caixinhas. Ao contrário de finalizar este ensaio, estamos em via de iniciação de diálogos que as artes nos trazem. E, por isso, agradecemos novamente às/aos pesquisadora(e)s que nos enviaram as imagens e a *Revista Askésis* por possibilitarem isso.

## Referência

HALL, Stuart. **Cultura e Representação**. Rio de Janeiro: Apicuri. 2016.

## Como citar este ensaio:

MELO, Carolina (curadora). Ensaio foto-etnográfico: possibilidades outras de se fazer ciência (e entender o mundo). *Áskesis*, São Carlos - SP, v. 10, n.1, p.140-154, jan./jun. 2021.

**ISSN: 2238-3069**

**DOI: <https://doi.org/10.46269/10121.743>**

Data de submissão do artigo: 04/08/2021

Data da decisão editorial: 10/10/2022